O Presidente Samora Machel falando na cerimónia de encerramento do curso político-militar em Matalane, destinado a elevar o nível ideológico dos ex-presos políticos. Este curso iniciou-se após a reunião com a Direcção da Frelimo e prolongou-se durante mais de dois meses.

OS ANTIGOS PRESOS POLÍTICOS E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

A Direcção da FRELIMO reuniu, no passado mês de Março em Maputo, com 300 antigos prisioneiros políticos das cadeias da PIDE.

Este grupo representava os milhares de patriotas moçambicanos que, da Machava ao Ibo, sofreram a tortura e a morte, foram vítimas directas da brutalidade dos métodos da PIDE. Representavam também aqueles que, quebrada a determinação e resistência inicial, permitiram ao colonialismo efectuar a experiência da recuperação, a tentativa de transformar resistentes e patriotas, em futuros agentes do sistema de exploração.

Este encontro entre a Direcção da FRELIMO e os antigos presos políticos, que se prolongou numa segunda sessão de trabalho no mês de Maio, foi um marco importante da História de luta e resistência do povo moçambicano contra o colonialismo português.

Ao recolher, analisar e reflectir as experiências dos presos políticos durante o encontro, foi-nos possível, pela primeira vez, enquadrar este capítulo do combate contra o colonialismo na perspectiva global da Luta de Libertação Nacional e da luta de Classes.

A luta contra o colonialismo, tal como se desenrolou nas zonas urbanas nas zonas onde o inimigo se entrincheirou e ergueu as defesas mais sofisticadas, foi uma luta paralela, embora qualitativamente diferente, aquela que o povo em armas e mais bem organizado, travou nas zonas de guerra.

Esta integração dos dois campos de batalha na frente única da resistência e da luta contra o colonialismo português e a análise da táctica do inimigo face às sucessivas ofensivas da FRELIMO, constituiu a grande lição política resultante deste encontro.

A exposição, por parte dos antigos presos, do que foi a sua vida e o seu comportamento na prisão foi, passo a passo, conduzida e apoiada pelo Presidente Samora Machel e pelos dirigentes da FRELIMO, no sentido de a transformar numa análise profunda e objectiva dos factos e do seu significado político.

Os elementos participantes foram, pouco a pouco, no decorrer da reunião, aprendendo a dar uma visão politicamente mais clara da sua própria experiência. As suas intervenções puderam assim deixar de ser um simples contar de histórias pessoais, na maior parte das vezes tentativas de defesa, autojustificação ou valorização pessoal, para se transformarem em autocríticas sinceras e libertadoras.

Durante este processo de análise crítica e autocrítica da experiência dos ex-prisioneiros da PIDE, foi possível estabelecer três tipos de comportamento perante a mesma situação. Estes tipos de comportamento viveram-se também dentro da Luta Armada e são comuns a qualquer processo de luta contra a opressão.

Nas cadeias do colonial-fascismo o povo moçambicano teve os seus traidores, que renegaram totalmente a causa da libertação da Pátria. Teve também aqueles a quem nem a violência brutal das torturas, nem a pressão psicológica, nem as promessas mais sedutoras, desviaram do caminho da dignidade de homens e de militantes, e que são os nossos heróis.

Nas cadeias da PIDE houve

De entre os que estiveram presos nas masmorras da PIDE houve aqueles que resistiram heroicamente e recusaram qualquer compromisso com o inimigo. Xavier Boca (à esquerda) e Simon Macaba (à direita) representam dois exemplos desse comportamento heróico.

também os que vacilaram. Esta falta de firmeza, de coerência política, levou-os a pequenos compromissos com o inimigo, a cedências. Cedências em troca de benefícios, de pequenas regalias, melhores condições pessoais, acreditando que essas trocas não atraiçoavam os princípios da FRELIMO.

Para estes foi doloroso reconhecer que o seu comportamento significou fraqueza ideológica e moral, individualismo pequeno-burguês e oportunismo. Mas esse reconhecimento permitiu-lhes a sua libertação interior e o restabelecimento da confiança perante a Direcção da FRELIMO, os seus antigos companheiros de prisão e as massas populares.

Este processo de transformação no seio do grupo dos antigos presos políticos e a purificação das suas fileiras, foi uma grande vitória contra o inimigo. Isolada a minoria de traidores, consagrados os exemplos vivos dos que não vacilaram nem cederam, o grupo dos combatentes da clandestinidade divididos até aqui pela desconfiança, a consciência pesada e mal esclarecida e o receio da revelação dum passado mais ou menos comprometedor, transformaram-se numa força unida em torno da FRELIMO, onde o inimigo perdeu a oportunidade de penetrar.

Aqueles que souberam, através da autocrítica, quebrar as cadeias que ainda os amarravam a compromissos e ligações sem princípio, reentraram firmes e confiantes no processo revolucionário.

«REFORCEMOS A NOSSA VIGILÂNCIA, SAIBAMOS CONSTANTEMENTE GANHAR NOVAS FORÇAS, SALVAR OS HESITANTES, ISOLAR OS RECALCITRANTES E REPRIMIR OS REACCIONÁRIOS» — PRESIDENTE SAMORA MACHEL

No encerramento das sessões de trabalho, o Presidente Samora Machel proferiu um discurso que foi a síntese da experiência vivida durante aqueles sete dias.

Nele se reconheceu a dureza, as dificuldades e as insuficiências que caracterizaram o trabalho dos militantes na clandestinidade. Estes nacionalistas de mãos nuas, sem experiência política e sem tradição de luta clandestina, ousaram enfrentar armas, o aparelho repressivo e a insidiosa propaganda do inimigo.

Isolados durante anos nas cadeias coloniais, eles não viveram o processo de transformação histórica do nosso país, que a Luta Armada e a edificação das zonas libertadas permitiu.

No interior das prisões, eles sofreram o reflexo dessa transformação histórica, das vitórias crescentes da FRELIMO nas frentes de batalha e na frente ideológica, através da agudização dos métodos repressivos ou de uma mudança de táctica do inimigo. Esta mudança de táctica corresponde à fase crucial dos métodos de recuperação da PIDE, iniciados em 1968.

Na fase de recuperação, o ini-

(continua na pág. 20)

Entre as actividades culturais que os ex-presos políticos prepararam durante o curso político-militar conta-se uma peça de teatro sobre a vida no interior das cadeias da PIDE.

OS EX-PRESOS POLÍTICOS E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

(continuação)

migo concentrou os seus esforços no recrutamento, no seio dos nacionalistas e dos elementos com vocação burguesa, dos seus futuros agentes que, neutralizando a linha popular e revolucionária da FRELIMO, preparassem a via ao neo-colonialismo.

A conquista da Independência Nacional pela vitória da FRELIMO, travou este processo. Mas, para que ele se torne irreversível, é necessário que todos os que, voluntária ou involuntariamente intervieram nele, o analisem e sobre ele reflictam.

Esta análise e posterior autocrítica, permitirá aos ex-presos políticos conscientemente escolher o caminho que corresponde aos seus anseios mais profundos mas do qual, momentaneamente, se desviaram.

Para aqueles que compreenderam e aceitaram a necessidade da autocrítica, o processo de transformação iniciou-se. Libertos do peso do seu passado, estão prontos para recomeçar a luta, integrados agora no caminho da construção do socialismo, nas tarefas da Reconstrução Nacional. Nas fábricas e nas aldeias comunais, nas escolas e no aparelho de Estado, irão forjar a sua consciência proletária de classe, engajando-se na luta pela produção e na luta de classes.

Eles são militantes da FRELIMO a quem a Direcção entregará tarefas e responsabilidades e em quem as massas trabalhadoras terão confiança. Construindo o socialismo, eles sentirão que o seu passado de sacrifícios e de sofrimentos não foi em vão.